

Adorno e a pesquisa empírica no contexto norte-americano¹

*Adorno and the empirical research
in the american context*

Lutti Mira

Universidade de São Paulo

¹ Este artigo é resultado de minha atual pesquisa de iniciação científica, intitulada “Sobre o materialismo estético adorniano de década de 30”, orientada pelo prof. Ricardo R. Terra e financiada, desde 2016, pela Fundação de amparo à pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP, processo n. 2015/22485-1).

RESUMO: O artigo tem como intuito mostrar de que maneira a experiência da emigração para os EUA marcou indelevelmente a opinião e a concepção adorniana acerca da relação entre teoria social e pesquisa empírica. A partir da análise do envolvimento de Adorno com o *Princeton Radio Research Project*, pretendemos indicar de que maneira Adorno contrastou sua formação sociológica e filosófica alemã, como também a concepção de teoria social desenvolvida no seio do Instituto de Pesquisa Social, com a *administrative research* promovida no *Radio Project*. Trata-se assim, sobretudo, de salientar o vínculo necessário entre teoria e pesquisa tal como Adorno o formulou em resposta à sociologia empírica norte-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Adorno; emigração; *Radio Project*; pesquisa empírica; Teoria crítica.

ABSTRACT: The article's aim is to show the way in which the emmigration experience in the USA fundamentally marked Adorno's opinion and conception regarding the relation between social theory and empirical research. Beginning in the author's involvement with the *Princeton Radio Research Project*, we intend to indicate how Adorno contrasted his german sociological and philosophical background, as well as the conception of social theory developed in the interior of the Institut of Social Research, with the *administrative research* fostered in the *Radio Project*. Above all, our objective is to emphasise the necessary bond between theory and research such as Adorno formulated in answer to the american empirical sociology.

KEYWORDS: Adorno; mmigration; *Radio Project*; empirical research; Critical theory.

Sabe-se que Adorno emigrou para os Estados Unidos no ano de 1938 em função de duas oportunidades de pesquisa específicas, além do óbvio desejo de distância em relação à Alemanha nazista: a primeira, um envolvimento mais próximo com o Instituto de Pesquisa Social, a pedido do próprio Horkheimer, então diretor do Instituto; a segunda oportunidade, por sua vez, consistia num convite, intermediado pelo mesmo Horkheimer, de Paul Lazarsfeld, o então diretor geral do chamado *Princeton Radio Research Project*, para que Adorno encabeçasse os estudos referentes à música no interior de tal projeto radiofônico.²

Sabe-se igualmente que, enquanto a relação de Adorno com a produção intelectual do Instituto – especialmente com seu chefe, Horkheimer – tornou-se mais próxima durante sua estadia nos Estados Unidos, a ponto de Adorno publicar com ele a quatro mãos, em 1947, a *Dialética do esclarecimento*, a mesma relação harmônica não se deu nem com Lazarsfeld,

2 “No outono de 1937, recebi, em Londres, um telegrama de meu amigo Max Horkheimer, diretor do *Institut für Sozialforschung* da Universidade de Frankfurt antes da época de Hitler – tarefa que seguia desempenhando, agora em conexão com a Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque –, no qual me informava da possibilidade de eu emigrar prontamente para a América, caso estivesse disposto a colaborar. Após breve reflexão, assenti via telegrama. Naquela época, eu não sabia muito bem o que poderia ser um projeto radiofônico; desconhecia o uso americano da palavra ‘project’ que, hoje, na Alemanha, é traduzido por algo assim como Projeto de Pesquisa [*Forschungsvorhaben*]. Só estava certo de que meu amigo não me teria feito a proposta se não estivesse convencido de que eu poderia levar a cabo a missão, embora minha especialidade fosse a filosofia. Eu estava apenas minimamente preparado para isso” (ADORNO, 1995, p. 139).

nem com o *Radio Project* em geral. E tal desarmonia teria como centro a própria concepção de pesquisa levada a cabo no interior do projeto, de modo que cumpre estudar, no pormenor, de que maneira Adorno encaminhou suas discordâncias em relação à perspectiva de *administrative research* de Lazarsfeld.

Nosso argumento é o de que Adorno, a partir de sua formação filosófica e sociológica na Alemanha de Weimar, ligada fundamentalmente a uma certa concepção especulativa de teoria e de pesquisa, juntamente com a influência do Instituto de Pesquisa Social no que se refere ao vínculo dialético entre pesquisa empírica e teoria social, que teve como primeiro núcleo teórico a formulação de Horkheimer do início dos anos 1930³, iria contrapor-se, a partir desses antecedentes, à pesquisa empírica norte-americana.

Antes de adentrarmos nessas questões, todavia, vale ainda esmiuçar um traço fundamental que perpassaria as formulações teóricas de Adorno: o diagnóstico acerca da transição do capitalismo liberal-burguês do século XIX ao pós-liberal. Isto porque o passo fundamental dado por Adorno no sentido de elaborar uma interpretação para os dados empíricos obtidos no *Radio Project* é ligá-los ao capitalismo monopolista: em outras palavras, a tentativa do autor é a de inserir a produção radiofônica e musical norte-americana no interior desse novo estágio do capitalismo, e, com isso, colher as consequências de tal processo de integração da cultura e do indivíduo sob uma organização econômica pautada pelos monopólios. É explícito, neste sentido, pelas próprias palavras de Adorno, que o capita-

3 Infelizmente não teremos aqui como abordar a importante noção de materialismo interdisciplinar – muito influente no pensamento adorniano, conforme pretendemos mostrar – formulada por Horkheimer logo no início da década de 1930, sobretudo em *A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de pesquisa social*. Remetemos ao artigo de Voirol (2012), que explora no pormenor essa primeira articulação entre teoria e pesquisa no interior da teoria crítica.

lismo monopolista só adquiriu centralidade para seu pensamento quando de sua emigração para os Estados Unidos:

(...) pesava uma certa ingenuidade em relação à situação americana. Eu bem sabia o que é o capitalismo monopolista, o que são os grandes “trusts”; mas ignorava até que ponto o planejamento e a estandardização racionais impregnavam os assim chamados meios de comunicação de massas e, entre eles, o jazz, cujos derivados constituem uma parte tão considerável de sua produção. (ADORNO, 1995, p. 140)

Mas não foi só a própria situação americana que consolidou em Adorno a convicção da centralidade do capitalismo monopolista; outra influência central eram os trabalhos de Friedrich Pollock, economista do Instituto, sobre o tema. Segundo Pollock, a crise de 1929 e a ascensão do fascismo por toda a Europa exigiam que se recolocasse a questão do então estágio do capitalismo. De acordo com o economista, haveria uma afinidade crescente entre o mercado e o Estado – este último garantindo a estabilidade do primeiro – que, de um lado, impossibilitaria a chance de um colapso do sistema, e, de outro, anularia também os princípios do livre mercado, visto que o Estado manteria constantemente intacto o poderio dos grandes monopólios, tornando a livre concorrência supérflua. Desse modo, haveria uma espécie simbiose, e não mais uma contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, o que faria tanto Pollock como também o Instituto reverem o prognóstico marxiano segundo o qual o capitalismo geraria por ele mesmo suas crises⁴. Em outras palavras, era a pró-

4 Muito embora ainda houvesse, na visão de Pollock, contradições nessa nova etapa do capitalismo, o que sai de cena é a ideia de que possa ocorrer um colapso pensado a partir de leis econômicas. O economista afirma, num artigo de 1932, que “Há considerável evidência, certamente, de que nesse capitalismo administrado as depressões serão mais longas, as fases explosivas menores e mais fortes, e as crises mais destrutivas do que nos tempos da ‘competição livre’, mas seu colapso

pria potencialidade da crítica da economia política que estava sendo posta em questão, o que levou, em última instância, a uma reformulação da divisão disciplinar no interior da Teoria crítica, que passaria a dar centralidade a outras áreas de pesquisa em suas análises, especialmente à psicanálise⁵ e, no caso específico de Adorno, à crítica da cultura. O diagnóstico de Marx continua funcionando como o referencial de Pollock – daí que, segundo Nobre (1998), o economista apresenta negativamente os resultados de sua pesquisa sobre a transição do capitalismo⁶ –, mas a perspectiva de colapso do capital perderia lastro econômico concreto⁷. Como afirma Rugitsky,

(...) a enorme capacidade de resistência e adaptação do capitalismo, que Pollock identificou desde o início de sua obra, acabou por resultar em uma mudança qualitativa do modo de produção. No início, tal capacidade de resistência desmentiu todos os prognósticos de colapso. Com o surgimento do capitalismo de Estado, no entanto, a transformação foi ainda maior: a própria dinâmica econômica foi bloqueada e não cabe sequer continuar discutindo as crises. Sintomático dessa conclusão é o fato de que Pollock, em uma nota de rodapé do artigo sobre o capitalismo de Estado, questiona se ainda cabe a utilização da categoria valor quando já não há economia de mercado. Negar a teoria do valor é negar a lei do movimento do capital como determinação abstrata da dinâmica do modo de produção, formulado dessa maneira por Marx (RUGITSKY, 2013, p. 68).

.....
 ‘automático’ não deve ser esperado. Não há uma compulsão irrefreável *puramente econômica* para substituí-lo por outro sistema econômico”. (POLLOCK *apud* MARRAMAO, 1975, p. 66).

5 Sobre a crescente importância da psicanálise, como também sobre a perda de centralidade da economia política no arranjo disciplinar da teoria crítica, cf. NOBRE; MARIN, 2012.

6 “(...) é evidente que a referência fundamental de Pollock segue sendo Marx. Esta é a razão pela qual os resultados são apresentados de maneira essencialmente negativa: a economia política *perdeu* seu objeto, problemas econômicos ‘no velho sentido’ *não existem mais*, o equilíbrio *não é mais* alcançado através das ‘leis naturais do mercado’.” (NOBRE, 1998, p. 28-29).

7 Sobre o lugar do capitalismo de Estado de Pollock em relação ao debate marxista acerca da teoria do colapso, cf. o primeiro capítulo de NOBRE, 1998.

Não há mais economia de mercado porquanto o capitalismo monopolista suprime a regulação do mercado pelo mercado – tal regulação passa necessariamente pelo Estado, que não mais permite a possibilidade da crise e do colapso. Não é o caso que o Estado passe a ser ele mesmo o proprietário dos meios de produção, mas, sim, que ele regule a produção e a distribuição das mercadorias no mercado. Mas o que exatamente Adorno retiraria de tal diagnóstico? Certamente não a ideia de que a dominação econômica do capitalismo do século XIX daria lugar a uma dominação puramente política, como se a influência econômica direta do capitalismo monopolista sobre os indivíduos não tivesse mais centralidade na teoria adorniana. Parece-nos que Adorno absorveu as teses de Pollock de maneira heterodoxa, não se podendo afirmar que subscreveu às teses do economista de forma irrestrita e total. Desse modo, cumpre delinear de que modo Adorno as absorveu. O aspecto central da influência de Pollock para Adorno é o fato de que o capitalismo monopolista seria como que a antecâmara do conceito de mundo administrado, no sentido de que este último – conforme a ideia de Pollock de que se teria entrado em uma nova fase do capitalismo que não mais deixa vislumbrar sua superação por meio da crise – não mais descortina uma outra sociedade que se organize maneira racional para atender às necessidades humanas. Mas, para nossos propósitos, interessa salientarmos de que maneira o capitalismo monopolista se faria presente na questão específica da relação estabelecida por Adorno entre teoria social e pesquisa social. Isso dito, passemos aos próprios textos adornianos.

Apesar de ter se tornado lugar-comum, não é improdutiva a discussão acerca da experiência de emigração de Adorno. Na medida em que

permeia não somente a temática de seus livros escritos no período – especialmente *Minima moralia* –, como também influi diretamente sobre o desenvolvimento dos conceitos de Adorno, o contexto norte-americano não pode ser deixado em segundo plano.⁸ A abordagem é, aliás, lícita a partir do relato do próprio autor quando escreveu, em 1968, o interessante texto “Experiências científicas nos Estados Unidos”; um acompanhamento dos primeiros parágrafos desse ensaio é suficiente para delimitar os contornos de nossa questão. O primeiro deles não poderia deixar de ser o próprio desconforto com o ambiente cultural e intelectual dos EUA que Adorno sentiu de primeira hora (e, por que não, durante toda sua estadia naquele país):

Nunca neguei que, desde o primeiro até o último dia, senti-me europeu. Manter a continuidade intelectual [com a tradição alemã] era para mim óbvio e isso, na América, prontamente articulou-se em plena consciência. Ainda me lembro do choque que me provocou, no começo de nossa vida em Nova York, uma imigrante como nós, quando ela, filha de uma assim chamada boa casa, esclareceu: “Antes se ia à Filarmônica, agora se vai à Radio City”. Não poderia proceder igual a ela em nada. Por natureza e por antecedentes, eu era incapaz de adaptação em assuntos intelectuais. (ADORNO, 1995, p. 137)

Não obstante o teor sardônico das afirmações, acreditamos que elas podem fornecer uma primeira entrada no significado teórico da ex-

8 Claus Offe oferece, logo ao início do capítulo de seu livro dedicado a Adorno (OFFE, 2005), algumas especificidades da emigração adorniana que diferem das outras duas que analisa (a de Tocqueville e a de Weber): uma delas é a de que Adorno foi forçado a sair de seu país em função da ocupação nazista e instalou-se inicialmente de forma precária nos EUA, o que o faria, segundo Offe, a “ver os Estados Unidos não com os olhos de um pesquisador de campo nem de um acadêmico em viagem, mas sim com os de um refugiado” (OFFE, 2005, p. 69). Além disso, Adorno residiu em somente duas cidades durante sua estadia nos EUA (Nova York, de 1938-1941; Los Angeles, de 1942 a 1949), o que contrasta com as visitas de Tocqueville e Weber no que se refere ao âmbito geográfico, na medida em que estes últimos viajaram a diversas regiões que Adorno, não obstante sua longa estadia no país, não chegou a conhecer. A partir desse tipo de especificidade se vê porque Adorno encontrou mais animosidade que simpatia pelo conjunto da cultura norte-americana.

perícia de Adorno nos EUA: uma forte tendência à não adaptação aos hábitos norte-americanos, que intensificaria certo apego ao que Adorno considerava sua tradição alemã. Esse elemento será essencial, segundo nosso argumento, para compreender a veemente investida de Adorno contra a *administrative research* desenvolvida no *Radio Project*⁹. Antes de explicitar as razões que o levaram a emigrar da Inglaterra para os Estados Unidos¹⁰, Adorno descreve melhor o que seria a tradição alemã da qual fazia parte, ao afirmar que os trinta e quatro primeiros anos de seu pensamento eram

(...) caracterizados por uma orientação totalmente especulativa, tomando esse termo em sentido desprezível, pré-filosófico, embora, no meu caso, se aliasse com interesses filosóficos. Sentia que o adequado para mim, o que objetivamente se me impunha, era *interpretar* os fenômenos; não averiguar fatos, ordená-los e classificá-los à disposição como informações; e isso não só na filosofia, mas também na sociologia. (ADORNO, 1995, p. 138)

Em suma, a divergência de Adorno com os métodos do *Radio Project* teria como pano de fundo esse conflito entre as tradições sociológicas de pesquisa dos EUA e da Alemanha, exigindo a sociologia desta última uma interpretação que desse conta dos dados empíricos, na visão de Adorno. Interessante é notar também a maneira pela qual Adorno descreve os in-

9 Apesar da forte presença desse ar de inadaptação ao ambiente norte-americano que predomina no início do artigo de 1968, como também comparece maciçamente durante toda a década de 1940, é interessante notar que, no mesmo ensaio sobre suas experiências científicas nos EUA, Adorno termina, nos últimos parágrafos, tecendo considerações simpáticas e elogiosas às tradições e aos costumes norte-americanos. Isso estaria em conformidade com a interpretação de Offe segundo a qual Adorno desenvolveria, a partir da década de 1950, uma figura “diametralmente oposta” dos EUA, sobretudo em função das intenções de Adorno e do Instituto em investir nas campanhas de desnazificação da Alemanha. Cf. OFFE, 2005, p. 85ss.

10 Após a ascensão do nazismo na Alemanha em 1933, Adorno emigraria para a Inglaterra (Oxford) no ano seguinte.

tuitos de seu único texto de maior envergadura do período que antecede 1938, *Sobre a situação social da música*:

O ensaio *Zur gesellschaftlichen Lage der Musik*, que no ano de 1932, sendo eu Privatdozent em Frankfurt publiquei na *Zeitschrift für Sozialforschung* – ao qual se encadearam todos os meus estudos posteriores de sociologia da música – estava já orientado em direção totalmente teórica: guiava-se pela ideia de uma totalidade em si mesma antagônica que *aparece* também na arte, a qual deve ser interpretada por aquela (ADORNO, 1995, p. 138)

Ora, é evidente que Adorno indica, nos anos que precedem sua ida aos EUA, que já se sedimentou em seu pensamento uma perspectiva teórica bem determinada, de modo que ele já possuía, a partir do início dos anos 1930, uma concepção própria de sociologia materialista. Com isso, podemos concordar apenas *parcialmente* com a tese corrente segundo a qual Adorno teria maturado sua sociologia somente em território americano, como apresenta, por exemplo, Detlev Claussen em texto sobre essa temática:

Ele [Adorno] veio à América como filósofo alemão e como um Privatdozent da Universidade de Frankfurt; ele deixou a América como teórico social e pesquisador, capaz não somente de escrever a *Filosofia da nova música* como um excuro à *Dialética do esclarecimento* mas também fazendo uma contribuição decisiva ao estudo pioneiro de *A personalidade autoritária*. Adorno não maturou num sociólogo filosófico na boa e velha tradição alemã; ao contrário, ele tornou-se um teórico que usava o empirismo para livrar a filosofia tradicional do dogma. Foi precisamente essa sensibilidade teórica que o permitiu romper as limitadas estruturas da rotina sócio-científica, realizando novas formas de investigação abertas à experiência e abrindo novos aspectos da experiência à pesquisa empírica e conceituação teórica. (CLAUSSEN, 2006, p. 7)

Parece-nos mais preciso dizer que Adorno já possuía um *background* anterior, formado justamente nos anos de *Privatdozent*, e que a partir dele

lidou com o tipo de teoria e de pesquisa tal como realizadas nos EUA. As teses fundamentais da sociologia adorniana já estavam maturadas, desde 1932, em *Sobre a situação social da música*, antes da ida de Adorno aos EUA. Isso não significa que Adorno nada modificou em suas concepções quando de sua estadia naquele país – mostrar tal modificação mediante seu contato com um tipo de pesquisa empírica é justamente um de nossos intuitos –, mas, efetivamente, aponta que a formação prévia de Adorno iria, juntamente com a influência das teses do Instituto acerca da ligação entre pesquisa e teoria, medir sua diferença em relação à pesquisa empírica positivista norte-americana. Mas voltemos novamente às motivações que levaram Adorno para a América. Como dissemos, uma das motivações de sua ida aos EUA consistia num convite, intermediado pelo mesmo Horkheimer, de Paul Lazarsfeld, o então diretor geral do chamado *Princeton Radio Research Project*, para que Adorno encabeçasse os estudos referentes à música no interior desse projeto radiofônico. No que exatamente consistia tal projeto?¹¹

O primeiro ponto de resposta a essa questão passa por notar a posição de destaque que o rádio ocupava nos EUA: em função da enorme rede radiofônica presente no país, a disseminação radiofônica presente no país não encontrava paralelo na Europa e na Alemanha de Adorno.¹²

11 Cf. CARONE, 2015, p. 303. Para o disparate entre as expectativas de Lazarsfeld quando da indicação de Adorno para o cargo de diretor dos estudos de música e suas verdadeiras intenções desenvolvidas no projeto, cf. HULLOT-KENTOR, 2006, p. 106-107.

12 Ao comentar as incumbências do *Radio Project*, Carone destaca que “A prioridade, desde o começo da pesquisa, era a de conhecer os tipos de ouvintes nos Estados Unidos, que já contavam com três grandes redes de estações transmissoras e mais de 600 estações comerciais em 1932. Em comparação com outros países, como a Alemanha, Rússia e Itália, os Estados Unidos tinham construído um sistema próprio de transmissão, sendo permitida a sustentação comercial das programações e os anúncios comerciais, bem como impedida a utilização do rádio para a propaganda política governamental. Outros países, tais como a Inglaterra, a França e a Áustria consideravam o

Em decorrência dessa ampla disseminação da escuta radiofônica, ela havia se tornado um vetor de consolidação dos valores nacionalistas dos EUA, tema que será tratado em específico por Adorno somente em suas análises sobre o antissemitismo norte-americano. O próprio *Radio Project* estava contaminado desse esforço de consolidação nacional, pois, como indica Hullot-Kentor,

Enquanto o Princeton Radio Research Project estava situado no turning point da carreira de Lazarsfeld, ele estava concentrado também em um momento significativo da história da sociologia do rádio. Anterior a essa pesquisa constavam poucas fontes de informação não somente da audiência da música de rádio mas também de todos os aspectos da audição do rádio, inclusive capacidade de concentração, preferências e hábitos de escuta, satisfação e insatisfação com os programas gerais, e variações locais, regionais, e nacionais. Segundo os termos do seu grant, sob o título “O valor essencial do rádio a todos os tipos de ouvintes”, o Princeton Radio Research Project se estabeleceu como um grande empreendimento para a coleção e análise das informações da audiência radiofônica. Ele deveria desenvolver as ferramentas para a mensuração das audiências juntamente com outros parâmetros e demonstrar a utilidade de tais mensurações para a melhoria do rádio. Ao aprender mais sobre o que as audiências gostariam e como o rádio tinha sucesso ou fracassava em proporcionar essas necessidades, ele [o estudo] ajudaria a tornar o rádio o mais valioso e útil quanto possível. A natureza filantrópica desse projeto teria sido inconfundível nas décadas em que o rádio não era somente analisado como uma fonte de educação e bem cultural mas que vivia na imaginação nacional como a voz da coesão social mesma como um meio rápido de

.....
 rádio como um instrumento para a educação e entretenimento dos ouvintes. A maioria dos países da América do Norte e do Sul permitiu o uso comercial do rádio. No entanto, é digno de nota nessa época a enorme superioridade dos Estados Unidos na comunicação pelo rádio, em relação ao número de estações de outros países: Argentina, 38; a Austrália, 54; a Áustria, 6; a Bélgica, 22; o Canadá, 66; a Dinamarca, 4; a Alemanha, 30; a Itália, 12; a França, 30; a Rússia, 80; a Espanha, 15 etc. Por aí se vê que a era do rádio foi, sem dúvida, dominada pelas redes norte-americanas, o que deve ter contribuído sobremaneira para a difusão e significativo aumento de vendas de sua música popular no mundo.” (CARONE, 2015, p. 304).

comunicação e vigilância em toda a sociedade. (HULLOT-KENTOR, 2006, p. 104-105)¹³

Mais que esse lugar de proa no desenvolvimento dos estudos radiofônicos norte-americanos, vale ainda salientar o caráter específico do *Radio Project*, isto é, sua proposta de trabalho e seu financiamento. Pois estes serão os fatores que determinariam as exigências feitas a Adorno, na medida em que prescreviam um arranjo específico de relação com o dado empírico. Sumariamente, Carone resume esses traços da seguinte maneira:

A pesquisa denominada e conhecida como *The Princeton Radio Research Project* não foi realizada na Universidade de Princeton e, sim, num centro de pesquisas metodológicas fundado por Paul Felix Lazarsfeld em 1936, na Universidade de Newark (New Jersey) e financiado, a partir do outono de 1937, pela Fundação Rockefeller com um orçamento de US\$ 67000, pelo período de 2 anos (embora pudesse ser refinanciado por mais um biênio, de acordo com a aprovação de seus resultados). (CARONE, 2015, p. 302)

Essas condições prescreviam, como se pode notar, uma determinada maneira de conduzir as pesquisas, calcada na máxima *listening to the listener*, que procurava tão somente “captar como os ouvintes eram afetados pelos vários tipos de programas radiofônicos” (CARONE, 2015, p. 306). E o tipo específico de financiamento, que determinava para Adorno uma mera descrição da recepção dos ouvintes para informar os mesmos monopólios que pretendia criticar em sua sociologia musical, impunha uma limitação – do ponto de vista crítico adorniano – ao alcance das pesquisas ali conduzidas¹⁴. Mesmo que Lazarsfeld ambicionasse uma combinação

13 As primeiras seções desse texto de Hullot-Kentor vão no sentido de compreender a posição do rádio no interior da cultura e da nação norte-americanas.

14 O raciocínio é do próprio Adorno: “Sem dúvida que, no marco do ‘Princeton Project’, havia pouco espaço para a pesquisa social crítica. A ‘Charter’, contrato do projeto, que provinha da

entre pesquisa administrada e crítica, sua visada intelectual era a de que uma teoria social não pode antecipar nem funcionar como pano de fundo da análise das pesquisas empíricas do *Radio Project*; igualmente,

Lazarsfeld parecia não supor, em momento algum, que os dados empíricos imediatos da pesquisa – as reações dos ouvintes, os seus likes e dislikes – poderiam estar mediatizando forças sociais “de fora” do seu âmbito, ou que haver uma teoria subjacente ao seu

.....
 ‘Rockefeller Foundation’, estipulava expressamente que as pessoas deveriam cumprir-se no marco do sistema comercial estabelecido nos Estados Unidos. Isso implicava que esse próprio sistema não podia ser objeto de análise, tampouco seus pressupostos sociais e econômicos e suas consequências socioculturais. Não posso afirmar que tenha mantido em estrita observância essa ‘Charter’. De forma alguma era impelido nessa direção pela ânsia à crítica a qualquer preço, pouco apropriada para quem, antes de mais nada, devia familiarizar-se com o denominado clima cultural. Bem mais que isso, inquietava-me um problema metodológico fundamental: a palavra *método*, entendida em seu sentido europeu de crítica do conhecimento mais que no norte-americano, segundo o qual ‘methodology’ significa, mais ou menos, técnicas práticas de investigação. (...) Oponho-me a constatar reações, a medi-las, sem colocá-las em relação com os estímulos, isto é, com a objetividade frente à qual reagem os consumidores da indústria cultural; neste caso, os radiouvintes. O que era axiomático, de acordo com as regras do jogo da ‘social research’ em sua forma ortodoxa, isto é, o ter como ponto de partida os modos de reação dos sujeitos de experimentação como se estes constituíssem o primordial, a última fonte legítima do conhecimento sociológico, parecia-me algo bastante mediato e derivado. Ou, dito com maior cautela: seria conveniente que a investigação elucidasse, em primeiro lugar, até que ponto tais reações subjetivas dos indivíduos são, na realidade, tão espontâneas e imediatas como dão a entender os sujeitos; até que ponto, por trás daquelas, escondem-se não só os mecanismos de propaganda e a força de sugestão do aparato, senão também as conotações objetivas dos meios e o material com que são confrontados os ouvintes e, por fim, as estruturas sociais mais amplas, até chegar à sociedade como um todo. Mas o simples fato de que eu partisse das conotações objetivas da arte e não das reações estatisticamente mensuráveis dos ouvintes colidiu com os hábitos mentais positivistas que imperavam, praticamente indiscutidos, na ciência norte-americana.” (ADORNO, 1995, p. 143-144), grifo do autor. Carone comenta, a esse respeito, que “A crítica adorniana da música popular contrariava os interesses dos patrocinadores comerciais das programações musicais do rádio. Na verdade, a Fundação pretendia que a pesquisa desembocasse em conclusões e recomendações práticas dirigidas aos diretores das emissoras de rádio. Como fundação privada, ela sustentava ou apoiava investigações com coleta de dados e tradução dos seus resultados empíricos em receitas administrativas, supondo que o rádio devesse prestar um serviço público para as audiências. Em outras palavras, o financiamento do projeto de Princeton propunha uma pesquisa administrativa sobre o rádio, ou melhor, sobre ‘o valor essencial do rádio para todos os tipos de ouvintes’” (CARONE, 2015, p. 305).

próprio empirismo. Ou a de se permitir um experimento teórico, como Adorno o fez no clássico artigo *The Radio Symphony: an experiment in theory*, ou no esforço de se manter a teoria (ou conceitos) numa permanente tensão dialética com o seu objeto, representado pelos dados coletados. (CARONE, 2015, p. 307-308)

Esse desvelamento de uma teoria pressuposta sempre que se lida com o dado empírico seria um dos *leitmotiv* das objeções de Adorno às pesquisas do *Radio Project*¹⁵. Neste sentido, a proposta de Adorno será justamente a de elaborar francamente uma teoria social para a interpretação da pesquisa empírica: “Numa primeira abordagem o autor acredita que o Projeto de Música deverá aspirar a uma ‘teoria social da música no rádio’. Não é suficiente meramente coletar fatos e deles induzir asserções gerais simplesmente por meio de métodos estatísticos e outros” (ADORNO, *apud* CARONE, 2015, p. 308). A perspectiva de Adorno, com efeito,

(...) requer o abandono de algumas questões correntes na literatura do rádio e evitar, desde o início, o conceito de que um dos principais propósitos do rádio é “educar o público” para uma melhor compreensão da música. Outro ponto a ser abandonado como ingênuo: considerar as “reações dos ouvintes” como a fonte absoluta da pesquisa. Embora a recepção do ouvinte seja uma parte importante da pesquisa, as suas reações não constituem ponto de partida e, sim, de chegada. Elas não podem ser interpretadas em termos de espontaneidade, liberdade e independência que “constituem a aparência da reação”. Essa ilusão é alimentada pelo próprio mecanismo da propaganda moderna, que esconde o fato de a audiência ser a única *mercadoria* produzido e vendida pelo rádio aos anunciantes (CARONE, 2015, p. 309).

15 Claussen afirma, a esse respeito: “Como apontou Adorno, uma investigação intelectual e sociologicamente significativa do gosto pode ter lugar somente por meio de uma investigação sobre a maneira pela qual as constelações objetivas das forças sociais tornam-se manifestas nos sujeitos. Os empiristas temem tais questões como o demônio a água benta, na medida em que elas colocam o próprio empirismo em causa, e elas o fazem sobre bons fundamentos empíricos, ao inquirir ao empirismo que defina o que ele pensa estar mensurando” (CLAUSSEN, 2006, p. 7-8).

Ora, esse conjunto de “alterações” propostas por Adorno, na contramão do que era prescrito pelo modo de pesquisa do *Radio Project*, já estava *in nuce* na própria sociologia musical que Adorno desenvolvia desde o início dos anos 1930, sobretudo em “Sobre a situação social da música” (1932). O que há de propriamente novo nesse conjunto de questões é que se impõe a Adorno a relação com a pesquisa empírica, e, com isso, com seu significado em relação à teoria. Segundo o pensamento adorniano, como sugere Carone, começar pela reação dos ouvintes – o que significa tomar o dado empírico como elemento imediato – levaria a uma aceitação sem mais do sistema que confeccionou tal reação. Cumpre, portanto, estudar esse mecanismo que forja a reação dos ouvintes, como também sedimenta aquilo que chamam de seu gosto:

Isso mostra a necessidade de se começar pela esfera da reprodução das obras musicais do que pela análise das reações dos ouvintes. A última supõe uma espécie de realismo ingênuo com respeito a noções como sinfonia ou “grande música” no ar. Se esta música é fundamentalmente diferente do que é suposto ser, as declarações dos ouvintes sobre as suas reações a ela devem ser avaliadas de acordo. Não há justificação para a aceitação não qualificada da palavra do ouvinte sobre seu súbito deleite com uma sinfonia de Beethoven, se essa sinfonia é mudada no próprio momento em que é difundida pelo rádio como algo muito próximo ao entretenimento. Além do mais, a análise invalida a ideia otimista de que o conhecimento da sinfonia no rádio deteriorada ou “dissolvida” pode ser um primeiro passo em direção à experiência musical verdadeira, consciente e adequada. (ADORNO, *apud* CARONE, 2015, p. 317)¹⁶

Entretanto não se trata aqui somente de atentar ao momento geral do capitalismo – que incidiria sobre o indivíduo, como que o fazendo mera

16 Desse ponto que Carone conclui que o intuito de Adorno no *Radio Project* era “o de saber de que modo a reprodução tecnológica do rádio nos Estados Unidos da América do Norte – país com a maior concentração de editoras musicais e de emissoras de rádio do mundo – estava afetando diretamente a qualidade da produção musical” (CARONE, 2015, p. 302).

peça de sua engrenagem –, mas, também, de formular uma teoria que dê conta do momento particular do efeito do atual estágio do capital sobre a audição musical, pois seria ainda no indivíduo que algum grau de resistência a essa fase do capitalismo seria possível. Para tanto, Adorno proporá, num memorando chamado *Music in Radio* (não incluído no volume *Current of music*, mas analisado por Carone), uma abordagem fisionômica:

O termo “fisionômica” e não “psicologia” é usado porque esta seção começa com a descrição das atitudes reais e eventos concretos entre o aparato do rádio e o ouvinte: na medida em que tais relações incluem tanto elementos objetivos quanto subjetivos, elas não podem ser descritas exclusivamente em termos da psicologia individual, mas devem ser tratadas como manifestações de uma estrutura social que podem ser a *condição* para os fatos psicológicos mas que não podem ser facilmente reduzidas à *psicologia*. Para expressar esta tentativa em termos metafóricos: o autor está interessado em descrever as “expressões faciais” do próprio aparato do rádio no seu papel junto à classe média ou à família burguesa; para mostrar o fenômeno que continuamente aparece e reaparece assim que um aparelho de rádio é ligado; o próprio comportamento do rádio e o comportamento regular das pessoas que a ele respondem. (ADORNO, *apud* CARONE, 2015, p. 311-312, grifos do autor)

Entenda-se que a crítica à psicologia que Adorno promove aqui não vai tanto no sentido de ser contrário a uma psicologia social – outro nome do modelo fisionômico que Adorno pretende formular –, mas, sim, a uma teoria que, na esteira do *Radio Project* e de Lazarsfeld, simplesmente concebesse o dado psicológico como matéria-prima completa da análise. Em algum sentido, poderíamos propor a tese de que é no embate com o projeto radiofônico que as primeiras feições da crítica imanente adorniana tomariam a forma madura tal como apresentada em *Prismas*: “Começando deste ponto, novos métodos adaptados às condições específicas dos fenômenos musicais e da psicologia da música terão que ser elaborados,

concernentes ao mecanismo real atrás das preferências e aversões dos ouvintes e ao mecanismo de esconder tais influências na medida em que se tornaram mais fortes” (ADORNO, *apud* CARONE, 2015, p. 310). Todavia, também é importante lembrar que essa abordagem própria da sociologia adorniana – de conceder primazia, num primeiro momento, à “análise do conteúdo musical”¹⁷, bem como ao estágio da produção musical mais do que de sua recepção individual – levaria o autor a avaliar negativamente, num movimento sobremaneira presente nos escritos tardios de Adorno que reavaliam seus escritos precedentes, os resultados de suas pesquisas relacionadas ao *Radio Project*, salientando suas insuficiências:

Em comparação com o que deveria ter realizado, ou pelo menos esboçado, o Music study, meus quatro trabalhos eram fragmentários, dito em linguagem norte-americana, o resultado de uma salvaging action. Não consegui chegar a uma sociologia e a uma psicologia social sistematicamente elaboradas da música radiofônica. O que se realizou foram modelos, antes que um esboço daquele estudo global a que me sentia obrigado. Essa falha talvez se devesse fundamentalmente ao fato de que não tive êxito na passagem à investigação dos ouvintes. Sem dúvida, esta passagem seria urgentemente necessária, antes de mais nada com vistas à diferenciação e à correção dos teoremas. (ADORNO, 1995, p. 155)¹⁸

Não é tanto o caso aqui de, a partir de tais considerações, tratar esses textos do primeiro período norte-americano de Adorno como deficitários – não nos interessa tanto a validade positiva deles para a sociologia tardia de Adorno, mas, ao contrário, somente de atestar de que maneira

17 “Em todo caso, considerei que era necessário empreender, em vasta escala, o que poderíamos chamar uma ‘content analyses’ (análise de conteúdo) musical – que não falseasse a música, tomando-a como música de programa – antes de entrar, como se costuma dizer, no estudo do campo” (ADORNO, 1995, p. 144).

18 Sobre essa incapacidade das teses adornianas de chegar a uma teoria do rádio propriamente integrada com a pesquisa empírica, cf. HULLOT-KENTOR, 2006, p. 120-124.

essa tentativa malfadada de união entre teoria sociológica e pesquisa empírica marcou indelevelmente o pensamento adorniano¹⁹. Passemos, então, à análise de alguns dos escritos de Adorno que discutem diretamente essa união entre pesquisa e teoria. Em última instância, seria a própria consciência do problema do positivismo científico que se tornaria claro ao pensamento adorniano. Mais precisamente, seria no embate com as posições e os pressupostos do *Radio Project* que tal concepção iria tomar forma. Acompanhar algumas indicações do ensaio “Experiências científicas nos Estados Unidos” pode nos fornecer, mais uma vez, uma primeira entrada nesse problema. Parece-nos que o fundamental da posição de Adorno seja a defesa de uma teoria que leve em conta tanto seu aspecto especulativo quanto a necessidade do dado empírico. Mais que isso, Adorno defenderá que o *listen to the listener* – máxima do tipo de pesquisa conduzida por Lazarsfeld – deve, antes de tudo, ser relacionado ao andamento geral da sociedade, de sorte a se evidenciar a objetividade social e os aspectos macrosociais que incidem sobre o gosto dos ouvintes, em conformidade com o que já havia sido estabelecido no texto sobre o fetichismo em 1938. Nas palavras do próprio autor:

19 É interessante notar, nesse sentido, como, segundo Powell, a própria sociologia musical tardia de Adorno se nutriria de sua experiência nos EUA: “A ressonância da estadia de Adorno nos Estados Unidos em seus trabalhos nem sempre é fácil de isolar e determinar, em larga medida porque a maioria do trabalho que ele realmente completou e publicou enquanto estava na América era de natureza empírica, e vinculado com times de projetos de pesquisa institucionais que ele mesmo não dirigia. Como ele [Adorno] mais tarde admitiria, quando ficava inventariando sobre esse período de sua vida, muitos desses projetos americanos foram retrabalhados em ensaios publicados após seu retorno à Alemanha ocidental. Em consequência, o efeito da América sobre Adorno foi tardio e retrospectivo, e pode somente ser discernido inteiramente por uma leitura sinóptica de seus ensaios de crítica cultural posteriores com as suas origens americanas anteriores. Somente nesses ensaios a pesquisa empírica e a experiência não sistemática colhidas na América encontram fruto especulativo completo” (POWELL, 2006, p. 131). Nosso artigo se concentra, no entanto, somente nas “origens americanas” da sociologia musical de Adorno.

Evidentemente, nas opiniões e atitudes subjetivas, manifestam-se também indiretamente objetividades sociais. As opiniões e comportamentos dos sujeitos são também sempre algo objetivo. Revestem-se de importância com relação às tendências evolutivas da sociedade como um todo, embora não no grau suposto por um modelo sociológico que identifica, sem mais, as regras do jogo da democracia parlamentar à realidade da sociedade vivente. Por outro lado, nas reações subjetivas, cintilam objetividades sociais, inclusive detalhes concretos. Do material subjetivo, é possível inferir determinantes objetivos. Na medida em que as reações subjetivas são mais fáceis de comprovar e quantificar que as estruturas – as quais, sobretudo quando se trata das *macrossociais*, não se pode captar empiricamente do mesmo modo –, tem certa base a pretensão de exclusividade dos métodos empíricos. É plausível que, a partir dos dados extraídos dos sujeitos, possa alcançar-se a objetividade social da mesma maneira que quando se parte desta; concedamos também que a sociologia está mais bem fundada quando começa pela averiguação desses dados. Não obstante, está-se muito longe de ter demonstrado que se pode progredir efetivamente desde as opiniões e os modos de reação das pessoas individuais até a estrutura da sociedade e a essência do social. (ADORNO, 1995, p. 146, grifo do autor)

Assim, Adorno poderá se contrapor fortemente a certo “empirismo rigoroso” – uma das figuras do positivismo – que interditaria “a construção da sociedade global e das leis de seu movimento”.²⁰ O que se coloca em causa é a própria concepção de sociedade pressuposta quando se postula o dado empírico como matéria-prima de toda a teoria sociológica. O ar-

20 “Não deve ser casual que os representantes de um empirismo rigoroso limitem a formação de teorias até o ponto de impedir a construção da sociedade global e das leis de seu movimento. Mas, antes de mais nada, a escolha dos sistemas de referência, das categorias e dos procedimentos que utiliza uma ciência, não é tão neutra e indiferente com relação ao conteúdo do que se conhece, como o quisera um pensamento entre cujos ingredientes conta-se a estrita separação entre método e realidade. Quando se parte de uma teoria da sociedade e se concebe os fenômenos supostamente observáveis e comprovados como epifenômenos dela, ou que se acredite possuir nestes a substância da ciência e se concebe a teoria social pura e simplesmente como uma abstração obtida pela via da classificação, isso tem consequências internas abrangentes, desde o ponto de vista do conteúdo, para a concepção da sociedade.” (ADORNO, 1995, p. 146-147).

gumento de Adorno, repetimos, não será o de rejeitar a importância da pesquisa de dados, mas a recusa de tentar aquilatá-la a uma teoria social que organize e forneça o sentido subterrâneo de tais dados. É nessa tese que a crítica da ideologia adorniana iria se ancorar. Para tanto, o esforço será o de inserir o dado empírico no interior dos processos envolvidos no capitalismo monopolista:

Os fenômenos dos quais tem tratado a sociologia dos meios de comunicação de massas, sobretudo nos Estados Unidos, não podem ser separados, enquanto tais, da estandardização, da transformação das criações artísticas em bens de consumo, da calculada pseudoindividualização e de manifestações semelhantes que, em linguagem filosófica alemã, chama-se de reificação. Corresponde a ela uma consciência reificada, quase incapaz de experiência espontânea, mas em si mesma manipulável. (ADORNO, 1995, p. 147-148, tradução modificada)

É notável que, mesmo algumas décadas depois (dado que o texto é de 1968), Adorno arrole no mesmo trecho todos os processos que tentamos descrever durante o artigo, o que evidencia a própria centralidade de sua teoria sociológica como passo metodológico fundamental para a correta análise do empírico. Diante da reificação promulgada de cima pelo então estágio do capitalismo, a opção de Adorno não poderia ser a de mimetizar tal reificação em sua sociologia, mas, antes, se contrapor, por meios teóricos, a esse processo:

Irritava-me, em particular, um círculo metodológico que, para captar, de acordo com as normas imperantes da sociologia empírica, o fenômeno da reificação cultural, devêssemos servir-nos de métodos também reificados, como os que se me ofereciam ameaçadoramente sob a forma daquele program analyzer. Já que eu estava confrontado com a exigência de *medir a cultura*, como se dizia literalmente, tomei então consciência de que a cultura constitui precisamente esse estado que exclui uma mentalidade que possa medi-lo. De for-

ma geral, rebelava-me contra o emprego indiferenciado daquele princípio, então ainda pouco criticado nas ciências sociais, segundo o qual *science is measurement*. O mandamento da primazia dos métodos quantitativos de enquetes, frente aos quais a teoria, assim como os estudos monográficos qualitativos, revestiriam, no melhor dos casos, um caráter suplementar, implicava que era preciso operar nesse paradoxo. A tarefa de traspor minhas reflexões in *research terms* equivalia para mim à quadratura do círculo. (ADORNO, 1995, p. 149, tradução modificada, grifo do autor)

Feitas essas considerações, passemos a alguns outros textos de Adorno, presentes no volume *Current of music*. Analisemos em conjunto dois textos: (i) *A social critique of radio music* e (ii) *Theses about the idea and form of collaboration of the Princeton radio research program*. Um dos pontos centrais desenvolvidos por Adorno nesses ensaios é o de indicar as razões pelas quais a pesquisa não deve se esgotar nem iniciar, sem mais, nas reações dos ouvintes:

Não se deveria estudar a atitude dos ouvintes, sem considerar o quão longe essas atitudes refletem padrões ampliados de comportamento social e, mais ainda, como elas estão condicionadas por uma estrutura da sociedade como um todo. Isso leva diretamente ao problema de uma crítica social da música radiofônica, de descobrir sua função e posição social. (ADORNO, 2006, p. 206)

O interessante, porém, é notar de que maneira a suspeita do dado positivo, fornecido pela reação dos ouvintes tomada de modo imediato, advém daquele diagnóstico acerca do capitalismo monopolista, que também se coloca como central na formulação que Adorno desenvolve acerca da correta compreensão e formulação do significado da pesquisa empírica:

A estandardização da produção nessa área, como na maioria das outras, vai tão longe que o ouvinte virtualmente não possui escolha. Os produtos são forçados sobre ele. Sua liberdade cessou

de existir. (...) O consumidor é relutante em reconhecer que ele é totalmente dependente e gosta de preservar a ilusão da iniciativa privada e da livre escolha. Com efeito a standardização no rádio produz seu véu de pseudoindividualidade. É esse véu que nos impõe o ceticismo com relação a qualquer informação de primeira mão vinda dos ouvintes. Devemos tentar os compreender melhor do que eles compreendem a si próprios. (ADORNO, 2006, p. 214)²¹

Desse estado de coisas, o problema central para Adorno será, então, o de “elaborar a relação concreta entre o mecanismo do rádio e as reações dos ouvintes” (ADORNO, 2006, p. 672)²². O primeiro passo, por assim dizer, será o de repetir os efeitos do capitalismo monopolista sobre o âmbito da produção e distribuição musicais, sendo esse o ponto inicial da teoria que servirá de base para a pesquisa de dados:

Aqui está o ponto de vista central da teoria que pretendemos verificar por meio de questionamentos individuais: o rádio deve ser considerado como um instrumento influenciando e governando as massas. (...) De acordo com nossa convicção básica, todas as reações dos ouvintes são produzidas pelo mecanismo social, isto é, num primeiro plano pelas estações de rádio. Durante o estágio monopolista atual da sociedade, a crença de que o ouvinte é um tipo de “cliente” e de que a produção do rádio é modelada somente para servir suas vontades e necessidades, parece estar ultrapassada. Será

21 Sobre esse ponto, também afirma Adorno: “Em nossa sociedade de mercadorias existe uma tendência geral em direção a uma concentração pesada do capital que leva ao encolhimento do livre mercado em favor da produção monopolizada de massa de produtos standardizados; esse permanece verdadeiro particularmente na indústria de comunicações” (ADORNO, 2006, p. 207).

22 “Eu considero ser o problema crucial do projeto elaborar a relação concreta entre o mecanismo do rádio e as reações dos ouvintes. De um lado, isso é necessário para emancipar aquelas teses teóricas que utilizamos como ponto de partida do reino da improvisação arbitrária. Do outro lado, estudos puramente quantitativos não seriam suficientes para nossos objetivos. Devemos tentar descobrir métodos de estudo qualitativos, com referência especial à motivação da reação individual do respondente. O que tais análises qualitativas podem ser insuficientes em ‘generalidade’, elas compensam pela profundidade do mecanismo individual de reação que não poderia ter sido adequadamente alcançado pela interrogação quantitativa” (ADORNO, 2006, p. 672-673).

nossa preocupação expressar esse estado de coisas não somente na forma de “resultados” mas também no método mesmo de pesquisa. Em outras palavras, não devemos nos contentar em descrever, numerar e mensurar as reações dos ouvintes mas em cada seção iremos tentar provar a dependência dessas reações sobre o conteúdo fornecido ao ouvinte e a maneira pela qual esse conteúdo é prestado a ele. (ADORNO, 2006, p. 672)

Desvendado o mecanismo social que opera de cima para influenciar as massas de ouvintes, Adorno deverá passar para outra tese metodológica fundamental, segundo a qual o procedimento básico da pesquisa relacionada ao *Radio Project* deveria ser o de fazer incidir sobre o indivíduo os mecanismos do atual capitalismo, de sorte que se revele, nesse processo, o modelo de sujeição que revelará o tipo de audição que se desenvolveu a partir da dominação do rádio pelos monopólios do entretenimento. Desse modo, vale-se do recurso à teoria social, que funcionaria como antídoto para se rechaçar uma mentalidade positivista de pesquisa empírica, visto que esta tomaria o dado como fonte primária das conclusões a serem tiradas pela teoria social. Trata-se, assim, de, a partir do diagnóstico oferecido pelo Instituto acerca do novo estágio do capitalismo, garimpar os efeitos do monopólio também para a condução da coleta de dados. Essa ideia seria colocada por Adorno como um estudo do mecanismo pelo qual o social age no individual, exposta nos seguintes termos pelo autor:

Tese metodológica: Para minha cabeça a justificação para a condução de análises individuais muito minuciosamente, ao invés de questionar ou entrevistar centenas e centenas de pessoas a fim de chegar a médias, repousa na convicção de que o mecanismo que funciona sobre o indivíduo, visto que é o mecanismo de uma mesma sociedade, é idêntico na maioria dos casos. Consequentemente, se se tem sucesso em fazer remeter a psicologia “individual” de um indivíduo particular a esse mecanismo, os resultados irão certamente se sustentar em geral. Os resultados, é claro, devem ser che-

cados. A usual asserção positivista, todavia, insistindo que a generalização não deveria ser feita na base de experiências individuais mas que o investigador deveria antes tentar atingir quantos casos quanto possível e somente depois tentar induzir regras gerais, é baseada suposição falaciosa de que o indivíduo é absolutamente “individual” e não o produto de forças não-individuais por detrás dele. Realizar o método generalizador na maneira usual – isto é, obedecer o tabu de não “generalizar” um mecanismo individual específico – iria nos impedir de alcançar qualquer coisa a não ser concussões triviais. (ADORNO, 2006, p. 671-672)

Passemos agora, mesmo que de maneira breve, ao próprio método desenvolvido por Adorno para dar conta daquela relação concreta entre o mecanismo do rádio e a reação dos ouvintes. Como já indicamos, o autor irá desenvolver o que chamará de método fisionômico. Segundo o autor, seria esse método que forneceria a chave para a mediação entre o processo geral de andamento da sociedade (que incide indelevelmente sobre o rádio) e suas relações com o domínio do indivíduo particular – que é, para Adorno, na contramão do positivismo, inerentemente marcado pela época em que vive. Daí que o método fisionômico vá tentar achar, por detrás dos gestos e das reações dos indivíduos (dos ouvintes, no caso), os traços de processos maiores²³, operando justamente essa pretensão de unir teoria com o estudo empírico. Nas palavras do autor: “Nós apontamos as características que fazem nosso estudo da expressão fenomenal um indicador para as forças sociais por detrás dela e as perspectivas sociais adiante dela” (ADORNO, 2006, p. 117). E tal abordagem deverá, segundo Adorno, conjugar aspectos psicológicos, sociológicos e técnicos para elaborar os “conceitos fundamentais de nossa sociedade”:

23 “Um fisionomista tenta estabelecer as características e expressões típicas da face não por elas mesmas mas para usá-las como pistas para processos ocultos por detrás delas, como também para pistas em relação a comportamentos futuros a serem esperados na base de uma análise da expressão presente.” (ADORNO, 2006, p. 112).

A fisionomia pretende somente definir mais corretamente as características inerentes do fenômeno radiofônico e elaborar no interior dessas características certas relações que merecem tanto atenção para análises futuras quanto os problemas científicos isolados do rádio. Nós falamos do “radio voice”. Nós o descrevemos como um fenômeno cujo domínio não deve ser transcendido exceto por uma interpretação do que é dado dentro de seus próprios limites. Aqui encontramos os fatores psicológicos; por exemplo, o problema da concentração ou não-concentração, o problema do indivíduo tornando-se medroso, o problema da resposta “sensual” ou “construtiva” à música sinfônica. Então descobrimos fatores tecnológicos, como a alteração do som ao vivo pelo rádio, a inadequação de uma forte “radio voice” para um cômodo privado, uma fraca “radio voice” para uma sinfonia, etc. Finalmente tocamos nas implicações sociais dessas características, como porque a ilusão da aparência individual é mantida por todo o campo do rádio, ou porque o rádio tenta imitar um som ao vivo ao invés de produzir um som dele próprio. (...) Em nossa abordagem tentamos combinar aspectos sociológicos, psicológicos e tecnológicos pois acreditamos que eles são somente “aspectos” de nossa sociedade e, em última instância, que eles podem ser reduzidos às categorias fundamentais de nossa sociedade (ADORNO, 2006, p. 118-119).

Concluimos nossa abordagem do pensamento que Adorno forjou acerca da pesquisa empírica enquanto participou do *Radio Project*, ressaltando que a tese fundamental a partir da qual se erigiu sua posição assentava-se na ideia de que o dado empírico deve sempre ser acompanhado de amplo diagnóstico do social, que forneceria o sentido mesmo do caso particular: tal é o sentido da proposta fisionômica que o pensamento adorniano desenvolverá. O desejo de afastamento da reação imediata dos ouvintes, juntamente com o diagnóstico do capitalismo monopolista vindo do Instituto, levará a uma rejeição do positivismo empirista em prol de uma união entre teoria social e pesquisa empírica. As palavras de Adorno, ainda em seu texto sobre suas experiências científicas nos EUA, não poderiam resumir melhor o percurso e a concepção que tentamos aqui esboçar:

Minha própria posição na controvérsia entre sociologia empírica e teórica, com frequência totalmente falseada, sobretudo na Alemanha, pode precisar-se, de forma geral porém breve, da seguinte maneira: as investigações empíricas me parecem legítimas e necessárias também no âmbito dos fenômenos culturais. Mas não é lícito hipostasiá-las, nem considerá-las como chave universal. Sobretudo, elas próprias devem culminar em conhecimento teórico. A teoria não é mero veículo que se tornaria supérfluo tão pronto se possuíssem os dados. (ADORNO, 1995, p. 156)

Por fim, procuramos salientar que são dois os elementos centrais que informariam o contato de Adorno com a pesquisa empírica no contexto norte-americano: em primeiro lugar, sua própria formação na tradição filosófica e sociológica alemã, ligadas, conforme assevera, a uma abordagem que valorizava o aspecto especulativo da teoria sociológica; em segundo, o vínculo mesmo entre dado empírico e teoria social, tal como preconizado por Horkheimer e pelo Instituto de pesquisa social, iria marcar indelevelmente as teses de Adorno acerca da relação entre esses dois tipos de conhecimento. Em outras palavras, o autor já possuía um *background* sociológico antes de sua ida aos EUA: é a partir dele que iria medir sua diferença em relação à pesquisa empírica positivista norte-americana.

Mas a emigração aos EUA também foi produtiva para a sociologia da arte adorniana: não só fez ver que o dado empírico é necessário à teoria social – muito embora não seja suficiente –, como também abriu os olhos de Adorno para uma articulação *sui generis* entre pesquisa e teoria. Além disso, foi também a partir da contraposição à perspectiva da *administrative research* que se consolidou em Adorno a consciência do “problema positivista”, muito embora seja também importante indicar que sua rejeição à metodologia de pesquisa empírica norte-americana encontra grau máximo somente nesse estágio inicial de sua estadia nos Estados Unidos. Pois,

como indica Martin Jay, nos outros estudos que realizou no final da década de 1940 (sobretudo naqueles referentes à personalidade autoritária), Adorno passaria a acolher tal metodologia, *cum grano salis*.²⁴ E, por último, seria o próprio diagnóstico acerca do capitalismo monopolista, advindo tanto das condições de produção e difusão radiofônicas e musicais norte-americanas, como também das análises de Pollock presentes no Instituto, que forneceria o estofó da teoria social preconizada por Adorno. Em última instância, a exigência adorniana de que deveria haver ampla visão do social que pudesse dar conta da explicação do dado empírico passa por esse diagnóstico do funcionamento do capitalismo de então.

Também, as investigações da sociologia musical tardia de Adorno são devedoras de algumas das conclusões retiradas do envolvimento com o *Radio Project*, sobretudo no volume *Introdução à sociologia da música*²⁵. Se tomarmos como exemplo “Tipos de comportamento musical” – ensaio que o autor remete claramente a seus trabalhos prévios dos anos de envolvimento com o projeto radiofônico²⁶ –, trata-se ali também de, em alguma medida, considerar a reação subjetiva do ouvinte enquanto elemento envolto nas contradições sociais em sentido amplo²⁷. Além disso,

24 Cf. JAY, 1996, p. 224.

25 O autor indica que um dos “estímulos externos” que o levaram a redigir e compilar o volume sobre sociologia da música foi “o convite para ministrar, em 1961, duas breves conferências de conteúdo sociológico-musical na *Funk-Universität* do RIAS”, conferências essas que, acrescenta logo em seguida, se reutilizaram de “trabalhos escritos nos Estados Unidos que remontam ao período em que o autor coordenava a seção musical do Princeton Radio Research Project”. (ADORNO, 2011, p. 48)

26 “A tipologia da escuta musical já havia sido delineada em 1939 [quando de seu envolvimento com o *Radio Project*], sendo que o autor se ocupara continuamente dela” (ADORNO, 2011, p. 48).

27 “Partindo-se do princípio de que a problemática e a complexidade sociais também se expressam por meio das contradições presentes na relação entre a produção e a recepção musicais, na estrutura da escuta inclusive, não se deve esperar, pois, nenhum *continuum* ininterrupto desde uma escuta perfeitamente adequada a uma escuta desconexa e sub-rogada [*surrogathafen*], mas, ao

é repetida a mesma ressalva quanto ao significado do material empírico para a sociologia musical, desenvolvida, como vimos, durante os primeiros anos de Adorno nos EUA:

Quanto mais a pesquisa se fia no estabelecimento dos dados disponíveis sem levar em consideração a dinâmica em que se achavam enredados, mais apologética ela se torna; vendo-se tanto mais inclinada a assumir a situação que ela toma por tema como um dado último, reconhecendo-a no duplo sentido da palavra. (ADORNO, 2011, p. 56)

contrário, que tais contradições e oposições também sejam refletidas na própria natureza da escuta musical, bem como nos hábitos de escuta” (ADORNO, 2011, p. 57).

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *Gesammelte Schriften in 20 Bänden*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.

_____. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1995.

_____. *Current of music: Elements of a radio theory*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006.

_____. *Introdução à sociologia da música: doze preleções teóricas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CARONE, I. A face histórica de “On popular music”. In: PINTO, R. F. SPENCER, D. TELLES, T. *Teoria crítica e Adorno: ideias em constelação*. Manaus: Editora Valer, 2015, p. 301-340.

_____. Sobre o conceito adorniano de “regressão da audição”, nos manuscritos de 1938. *Constelaciones. Revista de teoría crítica*, Madri, v. 6, p. 259-288, 2014.

CLAUSSEN, D. Theodor W. Adorno's american experience. *New german critique*, Ithaca (NY), v. 33, n. 97, p. 5-14, 2006.

HORKHEIMER, M. A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de pesquisa social. *Praga: estudos marxistas*, São Paulo, n. 7, p. 121-132, 1999.

HULLOT-KENTOR, R. *Things beyond resemblance: Collected essays on Theodor W. Adorno*. New York: Columbia University Press, 2006.

JAY, M. *The dialectical imagination: A history of the Frankfurt school and the Institute of social research, 1923-1950*. Berkeley (CA): University of California Press, 1996.

_____. *Permanent exiles: Essays on the intellectual migration from Germany to America*. New York: Columbia University Press, 1985.

MARRAMAO, G. Political economy and Critical theory. *Telos, Candor* (NY), n. 24, p. 56-80, 1975.

NOBRE, M. *A dialética negativa de Theodor W. Adorno: a ontologia do estado falso*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

NOBRE, M.; MARIN, I. Uma nova antropologia. Unidade crítica e arranjo interdisciplinar na *Dialética do esclarecimento*. *Cadernos de filosofia alemã*, São Paulo, n. 20, p. 101-122, 2012.

OFFE, C. *Reflections on America: Tocqueville, Weber and Adorno in the United States*. Cambridge: Polity Press, 2005.

POWELL, L. Die Zerstörung der Symphonie: Adorno and the theory of radio. In: HOECKNER, B. *Apparitions: New perspectives on Adorno and twentieth-century music*. New York: Routledge, 2006, p. 131-150.

RUGITSKY, F. Friedrich Pollock: limites e possibilidades. In: NOBRE, M. *Curso livre de teoria crítica*. 3. ed. Campinas/SP: Papirus, 2013, p. 53-72.

VOIROL, O. Teoria crítica e pesquisa social: da dialética à reconstrução. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 93, p. 81-99, 2012.